

A publicação que recebeu o título de Cadernos de Gênero e Tecnologia a 10 anos atrás percorre um caminho na busca para a sua afirmação no meio acadêmico como um espaço fundamental de publicação de estudos realizados no Brasil e no exterior acerca da temática. Neste caminho encontramos alguns percalços, mas inúmeros motivos para persistir. Nesta trajetória os Cadernos de Gênero e Tecnologia tem apresentado contribuição significativa na divulgação de estudos sobre Gênero, Ciência e Tecnologia merecendo destaque pela professora Luzinete Simões Minella da UFSC no artigo *Temáticas prioritárias no campo de gênero e ciências no Brasil: raça/etnia, uma lacuna?* Publicado nos *Cadernos Pagu* no ano de 2013. Neste artigo fica evidente a contribuição dos Cadernos de Gênero e Tecnologia para a divulgação do conhecimento científico na temática, bem como, a relevância de sua continuidade para a construção e crescimento do campo.

Objetivando dar continuidade ao desafio de solidificar o campo de Ciência, Tecnologia e Gênero, publicamos este volume que reúne os números 29 e 30 dos Cadernos. Estes números apresentam a primeira parte de um dossiê composto de dois volumes que reúne trabalhos apresentados do V Seminário Nacional de Tecnologia e Sociedade realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia – PPGTE/UTFPR em parceria com a Associação Brasileira de Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias – ESOCITE-BR realizado na UTFPR de 16 a 18 de outubro de 2013. Uma versão destes artigos foi publicada nos anais deste evento.

Este volume é composto por oito artigos que abordam a questão da divisão sexual do trabalho bem como de gênero, ciência e tecnologia, temas diretamente relacionados a área temática do periódico.

O primeiro artigo de autoria Antonio Carlos Lima da Conceição e Lina M. Brandão de Aras recebeu o título *Por uma ciência e epistemologia(s) feminista: avanços, dilemas e desafios* e teve por objetivo discutir “alguns desafios que se colocam ao processo de construção de teorias, em particular, à elaboração de teorias feministas”. O autores argumentam que há um questionamento das teóricas feministas acerca de quem pode ou não fazer ciência, bem como, do que faz parte, é reconhecido como ciência e

que merece ser conhecido. Para os autores “o feminismo propõe uma nova relação entre teoria e prática. Delineia-se um novo agente epistêmico, não isolado do mundo, mas inserido no coração dele, não isento e imparcial, mas subjetivo e afirmando sua particularidade.” Concluem seu artigo afirmando que as mulheres têm capacidade para e sabem inovar na reorganização dos espaços físicos, sociais, culturais e aqui, pode-se complementar, nos intelectuais e científicos. E o que me parece mais importante, sabem inovar libertariamente, abrindo o campo das possibilidades interpretativas, propondo múltiplos temas de investigação, formulando novas problematizações, incorporando inúmeros sujeitos sociais, construindo novas formas de pensar e viver.

O artigo apresentado na sequência se intitula *Haverá lugar para o olhar de gênero na ciência brasileira?* de autoria de Regina Beatriz Vargas. Neste artigo a autora apresenta “estudos preliminares voltados à construção de indicadores sociais de gênero nas ciências, desenvolvidos no âmbito do Projeto Repercussões sociais da ciência, tecnologia e inovação, no LaDCIS – Laboratório de Divulgação de Ciência, Tecnologia e Inovação da UFRGS.” A autora busca regatar a contribuição das mulheres na produção do conhecimento científico e tecnológico. A autora aponta para um abismo acerca desta participação e afirma que “não só as mulheres são ainda muito poucas nas áreas científico-tecnológicas como também não existem políticas de incentivo ao seu ingresso nessas áreas e praticamente não há mulheres nos espaços decisórios.” Aponta ainda a ausência de espaço para as mulheres em instituições científicas e destaca que “há um grande caminho a percorrer e os estudos de gênero deveriam voltar seu foco urgentemente para a academia e as instituições de desenvolvimento científico e tecnológico.” Finaliza afirmando que isso não significa que “nada acontece com enfoque de gênero nas universidades e na pesquisa brasileira. Várias iniciativas podem ser identificadas, mas o fato é que elas são exceções.”

O terceiro artigo é uma contribuição de Carmem Sílvia da Fonseca Kummer Liblik intitulado *Uma história toda sua: trajetórias de historiadoras brasileiras, 1940 – 1990* tem como objetivo “mapear, investigar e analisar as trajetórias intelectuais e profissionais, bem como explorar a riqueza das narrativas biográficas que expressam as experiências pessoais, interpessoais e de vida das historiadoras brasileiras”. A pesquisa, que encontrava-se em andamento no momento da produção do artigo, era baseada na trajetória de historiadoras que estiveram vinculadas a universidades brasileiras. A

autora buscará identificar se o gênero foi uma variável importante na trajetória acadêmica destas historiadoras, e afirma que é necessário investigar as situações diversas pelas quais passaram as referidas historiadoras para conseguirem se impor, divulgar seus trabalhos, valorizar-se mediante um local de trabalho marcadamente androcêntrico, consolidar e legitimar suas carreiras, fato que incide, portanto, no reconhecimento da existência de disputas simbólicas pela obtenção de projeção, liderança, prestígio e poder na instituição universitária.

Na sequência temos o artigo *Relações étnico-raciais e gênero na ciência: a situação da mulher negra no Brasil* de autoria de Jussara Marques de Medeiros Dias e Nanci Stancki da Luz. Neste artigo as autoras trazem uma pesquisa que se encontrava em desenvolvimento naquele momento e tinha objetivo de “analisar as abordagens sobre gênero e relações étnico raciais na história da ciência e apresentar dados sobre a mulher negra pontuando a forma como a lei 12.711 de 2012 foi instituída na UTFPR”. As autoras apresentam uma reflexão sobre a situação da mulher negra na sociedade brasileira e centram sua pesquisa nos cursos de Engenharia Civil e Licenciatura em Letras da UTFPR. As autoras argumentam que, embora o número de mulheres no meio universitário seja maior que o de homens, isso não se aplica a todos os cursos e tampouco às mulheres negras, elas permanecem muito poucas dentro o quadro discente da UTFPR.

No artigo *Divisão sexual do trabalho no Brasil: mulher cuidadora e homem provedor?*, os autores Marcio Rogério Kurz e Nanci Stancki da Luz buscam “conhecer e comparar diversos aspectos nas relações e realidades das mulheres no mundo do trabalho, sob a ótica da divisão sexual do trabalho”. Os autores fazem uma discussão acerca das transformações nas configurações familiares que vem ocorrendo na sociedade. Eles afirmam que estas transformações também atingiram o mercado de trabalho com a inserção cada vez maior das mulheres no mundo do trabalho remunerado. Para este grande contingente de mulheres trabalhadoras ainda existe a dupla e até a tripla jornada de trabalho, que no âmbito particular lhes impõe o cuidar dos filhos, do marido e das tarefas femininas típicas do sistema patriarcal. E, no âmbito público, lhes impõe enormes diferenças salariais e atividades precarizadas em relação aos homens.

Os autores concluem que a ampliação de mulheres no mercado de trabalho formal provocou o acréscimo de mulheres financeiramente independentes e este fato “contribui para as mudanças nas relações de gênero,

permitindo também alterações na divisão sexual do trabalho e no enfraquecimento da percepção de mulher apenas como cuidadora e do homem como único provedor.”

Na sequência apresentamos a contribuição de Daniela Isabel Kuhn e Nanci Stancki da Luz com o artigo *Catadoras de material reciclável: articulações entre tecnologia, trabalho e gênero*. Neste artigo as autoras refletem acerca do “desenvolvimento da tecnologia relacionada ao mundo do trabalho de catadoras de material reciclável, articulando com os estudos de gênero e da divisão sexual do trabalho”. As autoras consideram “a tecnologia como construção social, tendo suas repercussões que refletem sobre as múltiplas dimensões da organização do trabalho” e desta forma está presente também no trabalho das catadoras de material reciclável. Para elas “pensar no trabalho das catadoras implica, portanto, considerar que este ocorre inserido neste contexto de intensa presença da tecnologia no cotidiano, sendo uma atividade laboral que se configura no sistema capitalista e na perspectiva atual dos processos de globalização.” Concluem que ao refletir sobre como funciona os poderes enraizados pela cultura do patriarcado no âmbito da atividade laboral das catadoras, pode colaborar para a conscientização e autonomia destas mulheres. Pode significar uma chave para que se abram portas de caminhos mais férteis na condução de um trabalho digno, deixando de alinhar-se às condições de um trabalho precário.

O artigo *Condição feminina e trabalho: implicações sociais nos múltiplos papéis desempenhados por mulheres* de autoria de Flávia Granzotto Fachini e Graciele Alves Babiuk apresenta a discussão sobre o “papel da mulher na sociedade contemporânea, com suas implicações sócio-históricas advindas da construção social.” As autoras tem por objetivo analisar os impactos das múltiplas jornadas de trabalho na vida das mulheres. Buscam “contribuir para a análise das desigualdades do mundo do trabalho e de funções sociais atribuídas a homens e mulheres”. As autoras argumentam que para a realização deste trabalho foi necessário refletir sobre as transformações que vem ocorrendo nos arranjos familiares onde cada vez mais encontramos mulheres como “chefes de família”, ou seja, como as principais provedoras do sustento familiar. Concluem que “as valorações que são feitas as chefes de família, apesar de muitos avanços, são extremamente limitadas, arraigada pelo machismo que a sociedade brasileira naturaliza dia após dia.”

Para finalizar apresentamos a contribuição de Raquel Quirino com o

artigo *A Divisão Sexual do Trabalho e os Impactos do Desenvolvimento Tecnológico*. Neste artigo a autora faz uma discussão acerca da tecnologia e o mercado de trabalho. Argumenta sobre a existência e permanência na sociedade brasileira da ideia de trabalhos masculinos e femininos, sendo os masculinos os mais valorizados. Ressalta que apesar das transformações ocorridas em nossa sociedade “ainda não se tem uma igualdade na distribuição das atividades produtivas”. A autora faz uma reflexão acerca da permanência desta ideia no mercado de trabalho e conclui que “cabe ao gestor capitalista a distribuição das tarefas e das funções, bem como seu gerenciamento à procura crescente de produtividade, e de mais-valia relativa e/ou absoluta” pois ao capital o que interessa é o maior lucro independente se vem de mãos masculinas ou femininas. Raquel finaliza o artigo afirmando que “tornar-se sujeito social na definição de uma identidade no mundo do trabalho capitalista, se restringe ao/a trabalhador/a que se espelha no modo de produção vigente no sistema do capital.”

Estes são os artigos que compõe este número dos Cadernos de Gênero e Tecnologia. Esperamos que as discussões aqui apresentadas possam contribuir com as discussões acerca de gênero e tecnologia. Como pode-se perceber, a questão de gênero perpassa situações rotineiras e atingem diretamente a ciência e tecnologia e o mundo do trabalho.

Desejamos a todas e todos uma ótima leitura.

**Lindamir Salete Casagrande**  
**Nanci Stancki da Luz**  
**Editoras**